

O CARÁTER INFORMATIVO PRESENTE NA OBRA “OS SERTÕES” DE EUCLIDES DA CUNHA

Vitor Sergio de Almeida¹
Aureane Martins Valadão Ferreira Rizza²
Flávio Machado Carata Macedo³
Aluísio Brandão⁴

RESUMO: A obra Pré-Modernista “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, possui uma grande e diversificada carga de conteúdo e de abordagem, bem como uma riqueza estilística, discursiva e estrutural, o que faz com que ela receba, dentro do gênero literário, variadas classificações. A ideia do enquadramento literário é meramente um exercício objetivo, determinista, utilitarista e unilateral diante da imensidão artística que ela carrega. Dentre as várias facetas de gênero de “Os Sertões” realça-se o bojo informativo, típico do jornalismo, outrossim, o objetivo central dessa investigação consiste em analisar a produção perante o viés informativo. Contudo, para realizar tal intento é feita uma breve reflexão sobre alguns aspectos históricos, literários e informacionais. A problemática é representada pela seguinte indagação: Quais os traços informativos palpáveis em “Os Sertões”? A pesquisa bibliográfica é a base metodológica, a qual congrega, além de “Os Sertões”, uma gama de literários, os quais têm relevantes críticas acerca do Pré-Modernismo e do referido livro. Acerca da conclusão, destaca-se que “Os Sertões” demonstra uma consciência crítica, um regionalismo vigoroso e denunciador da realidade brasileira marginalizada, que o faz um espelho de Canudos, da terra e do sertanejo. Perante o jornalismo, empenha-se a apuração, o compromisso com o real, o esmero redacional, a linguagem formal, a escrita compreensível, o rigor científico, a contextualização do fato, a ordem direta, os parágrafos e períodos curtos.

PALAVRAS-CHAVE: Os Sertões; Canudos; Informação.

ABSTRACT: The Pre-Modernist work “Os Sertões”, by Euclides da Cunha, has a large and diversified load of content and approach, as well as a stylistic, discursive and structural richness, which makes it receive, within the literary genre, varied classifications. The idea of literary framing is merely an objective, deterministic, utilitarian and unilateral exercise in the face of the artistic immensity it carries. Among the various facets of the genre of “Os Sertões”, the informative core, typical of journalism, stands out. However, in order to accomplish this purpose, a brief reflection is made on some historical, literary and informational aspects. The problem is represented by the following question: What are the palpable informative traits in “Os Sertões”? The bibliographic research is the methodological

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor da Universidade do Estado Minas Gerais (UEMG), Unidade de Ituiutaba, Minas Gerais. Membro do grupo de pesquisa Políticas, Educação e Cidadania (Polis), sediado na UFU. E-mail: vitor.sergio@uemg.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1019-9706> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2112854611217382>

² Especialista em Pedagogia Empresarial e Docência na Diversidade pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Gestora e professora da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Uberlândia, Minas Gerais. E-mail: aureanemartins@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0081-2749> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3897535551071746>

³ Graduado em Matemática e Física pela Universidade de Uberaba (Uniube). Professor da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Uberlândia, Minas Gerais e da rede privada em Uberlândia, Minas Gerais. E-mail: fcaratta@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6468-9773> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2507374664523130>

⁴ Mestrando em Educação e Música pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor da rede privada em Ribeirão Preto, São Paulo. E-mail: aluisiobrandao@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0758-0154> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8336110623116847>

Almeida, v. s.; Rizza, a. m. v. f.; Macedo, f. m. c.; Brandão, a.

basis, which brings together, in addition to “Os Sertões”, a range of literary texts, which have relevant criticisms about Pre-Modernism and the aforementioned book. Regarding the conclusion, it is highlighted that “Os Sertões” demonstrates a critical conscience, a vigorous regionalism and denouncing the marginalized Brazilian reality, which makes it a mirror of Canudos, the land and the sertanejo. In the face of journalism, there is a commitment to investigation, commitment to reality, editorial care, formal language, comprehensible writing, scientific rigor, the contextualization of the fact, direct order, paragraphs and short periods.

KEYWORDS: Os Sertões; Canudos; Information.

01- INTRODUÇÃO

Vê-se que a obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, possui um vasto tino literário, geográfico, sociológico, filosófico, bélico. Essa diversa carga de conhecimento e de temática, somada a riqueza estilística, discursiva, estrutural e de conteúdo, faz com que tal produção receba variadas classificações de gênero literário (o que ajuda a ratificar o seu ecletismo e vastidão), sendo disposta, por exemplo, como um romance, ensaio, epopeia, novela. Possuindo um valor reflexivo, todas essas classificações são válidas, mesmo que algumas tenham mais e outras menos aderência. Não obstante, neste estudo, dentre vários atributos, tal obra elenca um caráter informativo, sendo representativa do jornalismo brasileiro na transmissão de fatos pertinentes ao grande público, como a Guerra de Canudos, bem como a questão da terra e do sertanejo.

Em “Os Sertões”, o escritor-jornalista tem um papel fundamental na primazia da relação “literatura-história-informação”, principalmente, ao conseguir sintetizar o conceito de arte (abrangendo o cunho literário), com história (relacionando sociedade e política) com jornalismo (compromisso em mostrar a sociedade real para a própria sociedade).

Na construção metodológica deste estudo, elenca-se a pesquisa bibliográfica tendo como arcabouço central a obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, bem como estudos que tratam da dita, enaltecendo as críticas de Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Antonio Hohlfeldt, Franklin de Oliveira, Renato Cancian, Roberto Ventura e Walnice Nogueira Galvão. A pesquisa bibliográfica tem como vantagem o fato de possibilitar ao investigador a abrangência de uma série de fenômenos amplos sob a perspectiva daquilo que já foi gerado e registrado (GIL, 2002), ou seja, neste artigo, valoriza-se os vários estudos já produzidos sobre “Os Sertões”, inclusive aqueles que pautam na relação da obra com a informação. Por meio da bibliográfica é visado o levantamento e análise crítica dos documentos escolhidos como referenciais com a intenção de desenvolver o conhecimento e atualizar as conclusões (GIL,

2002). O diferencial desse estudo está na disposição de uma nova roupagem argumentativa e exemplificadora, sendo baseada em características do jornalismo informativo existentes no Pré-Modernismo e na própria produção euclidiana.

Sobre a objetivação, assevera-se que a central consiste em analisar “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, perante um viés informativo. Diante desse objetivo, destaca-se que é importante alavancar uma reflexão sobre alguns aspectos históricos, literários e informativos a fim de expor questões que encontram significância com a relação da obra com o jornalismo. Todavia, pondera-se que a presente investigação não tem a finalidade de analisar proficuamente a complexa ideia de gênero ou o movimento Pré-Modernista ou o bojo informativo, nem de destrinchar a farta história brasileira no final do século XIX e princípio do XX, muito menos de analisar a produção euclidiana além do contexto da informação. A problemática tange em relação a seguinte questão: Quais os traços informativos palpáveis em “Os Sertões”?

Em termos de estrutura, o presente artigo tem cinco seções. A primeira é a introdução (período explicador dos vários nuances da pesquisa, tais como: temática, metodologia, objetivos, divisão estrutural). A segunda foca em uma análise sintética do contexto histórico, literário e de Canudos (acredita-se que tal parte é necessária porque não se pode separar o momento histórico da literatura, vice-versa, sendo eles complementares). A terceira reverbera um olhar desprezioso sobre o gênero literário e as múltiplas classificações recebidas pelo “Os Sertões” (cabe dizer que não se visa enaltecer ou contradizer nenhuma classificação). A quarta seção traz as considerações informativas acerca da aludida obra, bem como apresenta um resumo das três partes que a compõe sob o prisma da informação. Por último é elencado as principais evidências obtidas em decorrência da investigação feita.

Terminada a contextualização da pesquisa, parte-se, agora, para a primeira seção, isto é, para uma viagem temporal e literária.

02- BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE O PERÍODO HISTÓRICO, LITERÁRIO E CANUDOS

No Brasil, a formalização da organização política nos moldes da república, em 1889, no aspecto societário e econômico, trouxe uma conturbação social e um pseudo alavancamento da economia brasileira, fazendo florescer o cosmopolitismo no Rio de Janeiro

Almeida, v. s.; Rizza, a. m. v. f.; Macedo, f. m. c.; Brandão, a.

e em São Paulo. Dito isso, das várias transformações socioeconômicas da época, expõem-se duas, as quais têm aderência à temática deste estudo.

A primeira relativa ao propenso desenvolvimento industrial e urbano nos polos populacionais do Rio de Janeiro e de São Paulo. “O capital acumulado com a produção cafeeira possibilitou aos grandes fazendeiros investir na indústria, dando novo dinamismo à sociedade nestes locais.” (PINTO, 2022, p. 4). Nesse interim, o fortalecimento das oligarquias fluminense e paulista (pequenos grupos, em boa parte, originários do campo – agricultura e pecuária) elevou o seu poderio social, econômico e político, assim, impondo a sua perspectiva e o seu interesse de progresso perante a condução administrativa do país (SILVA, 2022). Como consequência houve o aumento do número de imigrantes e de operários para esses dois lugares, fazendo surgir novos grupos sociais (menos afortunados) e conjunto habitacionais longe do perímetro central, com isso, criando movimentos de trabalhadores, os quais pleiteavam melhores condições sociais e econômicas, como a busca por moradia e emprego (SILVA, 2022). Enfim, o poder pertence a uma minoria, que subjuga e explora a maioria.

Outra marca da época é a necessidade de correlacionar a expansão do comércio local com as tendências europeias (fornecedores de bens de consumo e agente influenciadores de pensamento e comportamento). “Na elite, a influência europeia, principalmente francesa, mudou o comportamento das pessoas ricas, em seu jeito de vestir, falar e se portar em público [...]” (PINTO, 2022, p. 5). Isso mostra que a dependência da Europa não só persiste durante os primeiros anos da república, como se mostra enraizada, mesmo que os bens e valores atendam poucos cidadãos e em poucos lugares, sendo excludente para a maioria da população.

Para a nova elite, a imagem do progresso de uma sociedade civilizada se restringe aos valores materiais, aos jogos de influências e ao status social, assim, fugindo do propenso atraso do restante do país, o qual servia basicamente, para exploração. Por outro lado, a grande parcela dos brasileiros não se sentia pertencente a essa concepção socioeconômica e política, nem recebedora de direitos sociais elementares.

Em decorrência, especialmente, aos dois fatores mencionados há um afastamento (em termos de projetos políticos, administrativos e sociais) da capital federal em relação ao bairros periféricos das capitais e ao Norte e ao Nordeste brasileiro. A camada excluída passa a demonstrar uma insatisfação em relação aos rumos alavancados pelo governo federal e pelo individualismo da oligarquia do Rio de Janeiro e São Paulo, logo, vários movimentos insurgentes emergem.

O desrespeito aos direitos sociais e a existência de uma desigualdade evidente fizeram com que esse período também fosse de luta para muitos que buscavam uma condição de vida mais digna e que estavam insatisfeitos com as ações praticadas pelos governos. (SILVA, 2022, p. 4).

É verdade que em níveis de consciência e interesses distintos, as tensões ocorreram em demanda regional e nacional. Ilustrativamente citam, no Nordeste, o Cangaço (final do século XIX e meados do século XX, abarcou grande parte da região Nordeste) e a Guerra de Canudos (1896 a 1897, na Bahia, fato desencadeador da obra “Os Sertões”), além do fanatismo religioso em torno do Padre Cícero (final do século XIX e ainda vigente, o qual começou no Ceará). Já no Sudeste e Sul, por exemplo, ocorreram a Revolta da Vacina (1904, no Rio de Janeiro), a Revolta da Chibata (1910, no Rio de Janeiro), Guerra do Contestado (1912 a 1916, em Santa Catarina e Paraná), as greves operárias lideradas pelos imigrantes (começo do século XX, Rio de Janeiro e em São Paulo).

Na questão da literatura brasileira, a passagem do século XIX para o XX, apresentou vastas e distintas correntes (tendências/grupos) literárias, realçando o Simbolismo (1893 a 1902), Naturalismo e Realismo (1881 a 1893) e o Parnasianismo (1882 a 1893) e o Pré-Modernismo (1902 a 1922)⁵. As mudanças ocorridas nos diversos setores da vida brasileira foram percebidas pela literatura, sobretudo, alterações que se transformaram em produções literárias (como Canudos em “Os Sertões”).

Ao menos em termos de demarcação cronológica, o lançamento, em 1902, de “Os Sertões”, assinado por Euclides da Cunha, inaugura o Pré-Modernismo, o qual floresceu até a Semana de Arte Moderna, em 1922. Sobre essa tendência, explica-se que o referido nome foi dado por Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, 1893 a 1983). A ideia embutida na união do prefixo “pré” com o vocábulo “modernismo”, em um primeiro momento, tem a conotação temporal de precedência temática e formal à Literatura Modernista. Porém, Bosí (1996) salienta que a expressão e o movimento Pré-Modernista tem duas variantes, as quais não são consoantes e interligadas, sendo que na primeira o prefixo “pré” possui “[...] uma conotação meramente temporal de anterioridade” (BOSI, 1969, p. 11), assim, relativo ao intervalo entre o Simbolismo e o Modernismo, imperando o *status quo* socioeconômico e literário, distante dos acontecimentos e dos movimentos vigentes. Já a

⁵ Acredita-se que a demarcação temporal/cronológica ajuda na demarcação/contextualização dos períodos literários e das obras, contudo, a produção literária não pode ser estanque, nem determinista em relação a temporalidade. Logo, neste artigo, tal demarcação de tempo vem no sentido de facilitar o entendimento do bojo histórico/literário.

Almeida, v. s.; Rizza, a. m. v. f.; Macedo, f. m. c.; Brandão, a.

segunda tendência demarca a ideia de ruptura, ou seja, a peleja entre o Antimoderno e Moderno, Continuísmo e Prosperidade, Sedentarismo e Urbanização. Nesse recorte, no qual se enquadra “Os Sertões”, os autores estão identificados com a problematização da realidade em que estão inseridos, sendo que a eles competiu: “o papel histórico de mover as águas estagnadas da belle époque [período, fim do século XIX e início do século XX, de transformações sociais, políticas, tecnológicas e culturais ocorridas nos centros urbanos na Europa], revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional” (BOSI, 1969, p. 307). Enfim, trata-se de um “momento de alvoroço intelectual, marcado pelo fim da grande guerra [1914-1918] e, entre nós, por toda uma ansiedade de renovação intelectual, que alguns anos mais tarde redundaria no movimento modernista.” (ATHAYDE, 1939, p. 7).

No que tange as características do período Pré-modernista, citam-se algumas (as quais ainda serão analisadas junto a “Os Sertões”): a ruptura com a linguagem pomposa parnasiana; o caráter inovador da abordagem e transmissão do conteúdo, o apego aos tipos humanos marginalizados, exposição de fatos e acontecimentos do cotidiano brasileiro – evidenciando e noticiando o Brasil “não oficial”, ou seja, há uma ligação com fatos políticos, econômicos e sociais da época, diminuindo a distância entre realidade e ficção e misturando a informação com a literatura (BOSI, 1996).

Sobre Canudos, no Nordeste, o cangaço denunciou os problemas sociais e a exploração braçal ocasionados pela oligarquia e pelo latifúndio (extensa propriedade agrícola de posse de uma pessoa ou pequeno grupo sob a intenção de uma intensa exploração dos recursos - especulação imobiliária e ou lucro). O jagunço (originalmente um contratado dos latifundiários, os coronéis, para serviços de proteção), após a crescente exploração e falta de perspectiva de melhora de vida, passou a contestar a ordem vigente, espalhando tensão entre os latifundiários (CANCIAN, 2006). Essa revolta dos jagunços consistia na forma mais primária e ilegal de vencer a miséria, empregando a violência.

As paupérrimas condições materiais e culturais fez com que muitos sertanejos buscassem o misticismo religioso com a finalidade da salvação espiritual e do fim da fome e da seca. Era a religiosidade popular se opondo à religião oficial. Um protagonista do fanatismo religioso foi Antônio Vicente Mendes Maciel (o Conselheiro – 1830 a 1897), que, segundo Hohlfeldt (2011, p. 16), nos idos de 1870 preocupou “[...] as autoridades eclesiásticas, pois começa a percorrer os sertões autodenominando-se enviado de Deus. Em 1877 começa a inquietar também as autoridades civis, pois, opõe-se claramente a algumas das medidas adotadas pela República.” Ele concebia que o cidadão precisava se livrar das

opressões e injustiças impostas pelo sistema por meio dos valores religiosos. Devido as pregações e as ajudas materiais ao sertanejo, a fama de líder intelectual e assistencial de Conselheiro se espalhou e fez arregimentar ao redor dele um grande número de fiéis e seguidores, muitos desempregados e outros sem-moradias, ambos não traziam benefícios produtivos ao latifúndio.

Canudos⁶ propiciava uma vida em comunidade em que as casas, escolas e igrejas foram construídas em sistema de mutirão, já a economia centrava na agricultura e criação de gado e cabra. Navarro (2011, p. 1) relata que o arraial “chegou a ter 5 mil casas e de 20 mil a 25 mil habitantes”, sendo o problema mais grave do governo Prudente de Moraes (1894-1898). Para arregimentar a opinião pública nacional, o governo federal disseminou uma mote arranjo argumentativo contra Canudos. “A República estava em perigo; era preciso salvar a República. Era este o grito dominante sobre o abalo geral...” (CUNHA, 1984, p. 158). Muitas das afirmações eram inverdades.

[...] o movimento criticava a República [...] os moradores rebelaram-se contra a cobrança de impostos e queimaram documentos emitidos pelo governo. Aos olhos dos governantes, Canudos começou a ser visto não só como um arraial de fanáticos religiosos, mas também como um ninho de rebeldes monarquistas e perigosos, que precisavam ser eliminados. (NAVARRO, 2011, p. 1).

Canudos passa a ser a esperança de dias melhores para o jagunço e, ao mesmo tempo, uma afronta na perspectiva do governo, dos latifundiários e das autoridades católicas. Acerca disso, Cancian (2006, p. 1) ressalta:

Padres e coronéis faziam pressão para que o governador da Bahia acabasse com Canudos. Na imprensa, os intelectuais e jornalistas condenavam os habitantes da comunidade sob a acusação de quererem restabelecer o regime monárquico e chamando os sertanejos de bandos de “fanáticos” e “degenerados”.

Para acabar com os revoltosos, o governo lançou a tal “guerra” (iniciada em de sete de novembro de 1896 e terminada em cinco de outubro de 1897) dispostas em quatro expedições militares. Cunha (1984) relata que nas três primeiras o Exército brasileiro foi massacrado pelos sertanejos, já na quarta e última campanha, a vitória dos comandados do governo veio diante de muitas mortes e destruições.

⁶ A origem da povoação foi no arraial de Belo Monte, localizado nas margens do rio Vaza-Barris, na região de Canudos, distante, aproximadamente, 400km da capital da Bahia, Salvador.

Almeida, v. s.; Rizza, a. m. v. f.; Macedo, f. m. c.; Brandão, a.

Fim da seção, por meio dela, a intenção é, de forma abreviada, contextualizar três elementos importantes e integradores da temática (período histórico e literário e o povoado de Canudos). Feito isso, na próxima parte, encaminha-se para, mesmo que de modo sintético, compreender o gênero literário de “Os Sertões”.

03- A DISCUSSÃO ACERCA DE GÊNERO LITERÁRIO E AS MÚLTIPLAS CLASSIFICAÇÕES DE “OS SERTÕES”

Em uma definição determinista e resumida, o gênero literário pode ser compreendido como a categorização de uma produção baseada no conjunto de especificidade que ela carrega, podendo ser analisada perante aspectos semânticos, sintáticos, discursivos, fonológicos, formais, contextuais. Uma dificuldade para a eclética classificação da obras, inclusive de “Os Sertões”, é a relação que os gêneros artísticos-literários mantêm com as áreas de conhecimento das mais diversas naturezas, como estética, linguística, filosófica, sociologia, jornalismo.

Entretanto, em uma reflexão mais ampla e despedida de formalismos, a relação inter e multi disciplinar das obras dificulta a existência de uma análise objetiva, determinista, utilitarista e unilateral, o que pode ser positivo porque extirpa certas amarrações. Soma-se a essa discussão a ideia que a arte exprime a subjetividade e a percepção de um ser diante de um contexto diverso (elementos alheios a enquadramentos). Desse modo, muitas obras possuem inúmeras possibilidades de categorização, sendo que isso não é um problema, ao contrário, denota a polissemia, a vastidão e a riqueza do produto final, como se dá com “Os Sertões”.

Em relação a produção “Os Sertões”, Coutinho (1991) assevera que ela é inclassificável, pelo caráter múltiplo que carrega, dentro do esquema simplista dos gêneros. Bosi (1996, p. 121) vai além da mera classificação e dispõe que a obra é “[...] singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo”. “Os Sertões” representa um dinamismo de conteúdo, de rigor redacional e de objetos, abarcando arte literária, análise científica, relato, diário e informação, então, sendo de “ciência e de paixão, de análise e de protesto: eis o paradoxo que assistiu à gênese daquelas páginas em que se alternaram a certeza do fim das ‘raças retrógradas’ e a denúncia do crime que a carnificina de Canudos representou.” (BOSI, 1996, p. 122).

O CARÁTER INFORMATIVO PRESENTE NA OBRA “OS SERTÕES”

Oliveira (1983) recapitulou e sintetizou os conceitos e definições já existentes de inúmeros críticos literários, dentre eles: Afrânio Coutinho, Tristão de Athayde, Alfredo Bosi, José Veríssimo e José Guilherme Merquior. “As definições oscilam entre romance e epopeia: ora percorrem a escala do mundo ficcional, ora acasalam o novelístico com o heroico.” (OLIVEIRA, 1983, p. 15).

Tristão de Ataíde fala em épica romanesca, [...] forma literária mais próxima do sonho, e cujo centro é a aventura. [...] Afrânio Coutinho, em *Os Sertões*, obra de Ficção, talvez o mais divulgado de seus ensaios - inserido em seis publicações diferentes -, depois de considerar o livro de Euclides inclassificável dentro do esquema simplista dos gêneros, afirma que o que avulta na obra, como arquitetura e como construção, é o caráter de narrativa, de ficção, de imaginação. E conclui: *Os Sertões* são uma obra de ficção, uma narrativa heroica, uma epopeia em prosa, da família de *Guerra e Paz*, da *Canção de Rolando*, cujo antepassado mais ilustre é a *Ilíada*. E após recordar a propósito da obra de Euclides a *Divina Comédia* e o *Quixote*, Afrânio escreve que o livro de Euclides é um romance - poema - epopeia. Em seguida, renova a comparação com *Guerra e Paz*. [...] José Guilherme Merquior, (*De Anchieta a Euclides / Breve História da Literatura Brasileira*), não só considera *Os Sertões*, obra de ficção embutida no ensaio, como o denomina belamente de saga sertaneja. E após colocar em realce o sopro de transfiguração artística em que o prosador forjou os protagonistas e as massas do drama de Canudos. (OLIVEIRA, 1983, p. 15 e 16).

Ventura (2000, p. 12) concilia o conceito de ficção e os gêneros narrativos com os acontecimentos reais de Canudos: “Euclides da Cunha recorreu a formas de ficção, como a tragédia e a epopeia, para estilizar a guerra de Canudos e inserir os fatos em um enredo capaz de ultrapassar a sua significação particular”.

Após promover uma reflexão, uma análise crítica sobre “*Os Sertões*”, Oliveira (1983, p. 27) conclui que:

[...] é um livro de crítica político-social e, como tal, se organizou sob a regência das leis tectônicas do ensaio. É livro que se constituiu, na sua mescla de arte e ciência, sob o signo da fantasia exata. Ele é um monumental ensaio sobre a civilização brasileira e suas bases: a terra, e o homem, o espaço físico e o espaço cultural [...] se não fosse esta dimensão artística, ele não teria perdurado como documento e, sobretudo, como monumento cultural.

Percebe-se uma estreita relação entre o real e o ficcional, isto é, um engajamento literário com a informação, então, “a ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma interpretação, uma revisão. É o espetáculo da vida através do olhar interpretativo do artista, a interpretação artística da

Almeida, v. s.; Rizza, a. m. v. f.; Macedo, f. m. c.; Brandão, a.

realidade” (COUTINHO, 2008, p. 50). Vê-se que Euclides da Cunha deu uma interpretação particular para os fatos, narrou atribuindo ao conteúdo ornamentos de forma, estrutura e unidade de efeito. Outro mérito de Euclides é transitar tenuamente entre a propensa ficção, aos fatos ratificados por dados científicos.

[...] há uma turvação entre a informação e o entretenimento, âmbito em que fatos e histórias se imbricam na composição de um processo comunicativo complexo, que dá à nossa cultura um senso profundo de encantamento. Alguns produtos da mídia nos encantam. Fatores como intenção e apelo, interesse e resposta, texto e ação, nos possibilitam compreender os mecanismos de envolvimento da mídia com a nossa experiência cotidiana. (OLIVEIRA, 2013, p. 92).

Portanto, em uma breve análise, percebe-se a multiplicidade e a pessoalidade da questão do gênero em “Os Sertões” e o quanto é complexo (e ou particular) classificá-lo, aliás, o quanto a ideia de classificá-lo secundariza a vastidão estilística, de redação e de conteúdo da obra. Dito isso, salienta-se que na próxima seção o aparato informativo, atrelado a “Os Sertões”, ganha mais relevo e passa a ser o novo percurso.

04- AS TRÊS PARTES DO LIVRO “OS SERTÕES” PERANTE AS CONSIDERAÇÕES INFORMACIONAIS

Abre-se essa seção repondo a Galvão (1994, p. 5 e 6) no que tange ao papel do jornal impresso, sendo ele o “[...] mais eficiente veículo de comunicação de massa no Brasil do final do século [XIX]”. Tal afirmação valoriza, ainda mais, o papel dos jornalistas na época e, em especial, de Euclides da Cunha⁷ na cobertura de Canudos, sendo que ele foi um legítimo condutor da informação com o grande público.

Torna-se relevante dizer que a “informação” se manifesta no jornalismo por meio da cobertura de um (ou alguns) fato(s) de interesse e ou de influência do amplo público, normalmente são acontecimentos do tempo presente. Então, o intuito é acessibilizar, de modo conciso e claro, tais ocorrências sob um compromisso técnico e ético (ambos na cobertura, construção e transmissão da notícia). Oliveira (2013, p. 97) evidencia que o jornalismo se efetiva pela:

⁷ Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866 a 1909) teve formação em Engenharia Militar, Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Contudo, devido ao elevado grau de instrução e a facilidade de produção redacional, ele exerceu atividades jornalísticas e de escritor. Salienta-se que na época os bons redatores tinham a possibilidade de atuarem no jornais (não havia cursos, exclusivos, para a formação de jornalistas). Euclides foi eleito, em 1903, patrono da cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras (ABL) graças em sobremaneira ao sucesso de “Os Sertões”.

O CARÁTER INFORMATIVO PRESENTE NA OBRA “OS SERTÕES”

[...] ênfase na distinção de seus componentes específicos como informação, atualidade e interesse, que nos são comunicados em linguagem objetiva e estilo flexível. Mas algumas vezes soma-se a esses fatores um ineliminável grau de artisticidade, como o fez o autor [Euclides da Cunha] em estudo.

Constatam-se algumas atitudes pertinentes do jornalismo no trabalho de Euclides da Cunha.

a) levantamento antecipado de dados, a partir do momento em que recebe a pauta para a viagem; b) visita e deambulação pelos lugares, na melhor prática da reportagem contemporânea; c) fala com todo o tipo de fonte, e não apenas com as fontes oficiais, estabelecendo, assim, equilíbrio quanto aos pontos de vista apresentados; d) entrevista as pessoas mais variadas e transcreve tais diálogos, numa prática de entrevista extremamente moderna e eficiente, porque profusamente dramática; e) utilização da primeira pessoa do singular, com o que enfatiza o depoimento que suas reportagens traduzem; f) [...] É testemunho. (HOHLFELDT, 2011, p. 30)

Sarmatz (1995) pondera que Canudos foi, no Brasil, o acontecimento jornalístico mais importante de 1897, ratificando, destarte, a ideia do jornalismo reportar aquilo que é contemporâneo. O efetivo envolvimento jornalístico de Euclides da Cunha com Canudos começou também em 1897 (lembrando que o conflito iniciou em 1896), por meio de dois artigos intitulados “A nossa Vendéia”, publicados no jornal “O Estado de São Paulo”. Ressalva-se que a guerra já era noticiada, bem como o crescimento do povoado de Canudos, sendo que o conflito ganha projeção midiática a partir da derrota de Moreira César (a terceira expedição). Todavia, a cobertura não era *in loco*, sendo que as fontes eram, em sua grande maioria, os próprios militares por meio das correspondências escritas para os familiares ou das afirmações dos comandantes do Exército brasileiro. A cobertura, por meio de informantes, ocorreu somente na etapa final da luta.

Nas publicações “A nossa Vendéia”, Euclides da Cunha aproxima ironicamente os conflitos de Canudos e Vendéia – confronto travado na França após a Revolução Francesa, em 1793, entre os camponeses monarquistas e católicos contra as forças revolucionárias do governo recentemente empossado, estes executaram o rei, laicizaram o Estado e estabeleceram cobrança de impostos e o recrutamento militar, ações que desagradaram aos camponeses. A rebeldia, entre 1793 e 1796, foi combatida fortemente pelos governantes (HOHLFELDT, 2011). Ao associar Canudos e Vendéia, vê-se que Euclides, como a maioria

Almeida, v. s.; Rizza, a. m. v. f.; Macedo, f. m. c.; Brandão, a.

dos brasileiros, tinha uma ideia distorcida dos reais motivos e da ideologia do conflito. Até então, Euclides da Cunha argumentava a favor das tropas do governo.

Com expressa incumbência de cobrir a batalha, de acordo com Barroni (2011), Euclides da Cunha embarcou rumo à Bahia como jornalista correspondente do “O Estado de São Paulo, acompanhando a comitiva do Ministro da Guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt. Não obstante, Euclides da Cunha não foi o único correspondente enviado ao cenário da batalha, o que ilustra à proporção que o conflito em Canudos ganhou.

[...] a Gazeta de Notícias enviou Júlio Procópio Favila Nunes, gaúcho, que já cobrira a Revolta da Armada; O Estado de São Paulo escolheu Euclides da Cunha; o Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, o pernambucano Manuel Benício; o sergipano Siqueira de Menezes, tenente-coronel, escreve para O País, sob o pseudônimo de Hoche; Lélis Piedade escreve para o Jornal de Notícias, de Salvador, além de Manuel de Figueiredo, Alfredo Silva e muitos outros, nem sempre identificados pelas respectivas redações. (HOHLFELDT, 2011, p. 20)

A batalha travada em Canudos demarca a imersão dos repórteres (enviados especiais) na cobertura dos acontecimentos, em outras palavras, a Guerra de Canudos fez com que, a partir daquele momento, os grandes veículos informativos passassem a enviar jornalistas ao local do fato a fim de uma maior e melhor cobertura (GALVÃO, 1994).

Rezando a cartilha do jornalismo, antes de noticiar o acontecimento, Euclides estudou as condições geográficas, sociais e conflituosas, as quais ele teria contato e seriam relevantes para o seu trabalho de correspondente. E não por coincidência, essas três temáticas correspondem as três partes de “Os Sertões”. Acerca da preparação do jornalista, Avighi (1987, p. 169) corrobora:

O jornalista ampliava seu instrumental teórico e acumulava informações sobre os fatos e a região que iria noticiar. Cumpria o dever do jornalista opinativo, do articulista que deveria estar o mais pronto possível para interpretar e avaliar com segurança e sustentar suas ideias no foro da opinião pública. Acrescentou aos conhecimentos adquiridos nas leituras sobre o Brasil as informações mais precisas acerca do homem e da natureza que encontraria. [...] Percorrera os quadrantes nordestinos ainda lacunados nos mapas da época, trabalhando e pesquisando

Todos os correspondentes no campo de batalha tiveram dificultadores na obtenção de fontes, apuração das informações e na divulgação da notícia (complicadores inerentes a uma guerra). Além das dificuldades de distância, de logística e do desencontro de versões entre Canudos e o governo, houve também o fato do Ministro da Guerra não conceder entrevistas, nem de divulgar notas e dados, assim, os correspondentes se desdobravam em busca das

Cadernos da Fucamp, v.21, n.53, p.177-197 /2022

fontes, bem como checá-las, além do cuidado ao expô-las, uma vez que havia uma censura velada por parte do Exército. Avighi (1987, p. 171) sentencia que o marechal Carlos Machado Bittencourt (oficial de alta patente e de intenso envolvimento na guerra) repassava as ações militares para Euclides da Cunha, contudo, em respeito ao amigo, o autor mantinha em sigilo aquilo que lhe era confidencializado.

As observações de campo (o esmero na apuração dos fatos) fez com que Euclides entendesse a realidade vigente e mudasse o seu posicionamento sobre a realidade do conflito, elencando, então, uma cobertura daquilo que é constado presencialmente e não do que é retransmitido ou atribuído. Conforme (Oliveira, 1983), Euclides percebe que Canudos não era um problema político, mas uma questão social, e que a bandeira de luta dos seguidores de Conselheiro não consistia na monarquia e muito menos no anticatolicismo, como propagandeava o governo e as autoridades religiosas. Para Oliveira (2013, p. 91 e 92) a Guerra de Canudos “[...] constituía um fato social de grande interesse e de real destaque naquele momento, e era comunicado ao leitor por meio de um texto que lhe despertava tanto a reflexão quanto a sensibilidade.”

Em “Os Sertões”, o próprio autor assume um compromisso com a informação verdadeira e faz um alerta que a obra “[...] é, infelizmente, de ataque. Ataque franco e, devo dizê-lo, involuntário [...] obedeci o rigor incoercível da verdade, então, narrando e presentificando, para o leitor distante, aquilo a que assiste. Ninguém o negará.” (CUNHA, 1984, p. 297). Dessa forma, ele demonstra a preocupação com a verdade e o compromisso em transmiti-la. Um dos méritos de Euclides foi se contrapor a produção e a distribuição de notícias falsas referentes a Canudos e a batalha. Baroni (2011, p. 4) explicita que o trabalho euclidiano representa:

O olhar para o passado também nos traz o entendimento sobre o profundo desconhecer do interior do Brasil à época de Euclides da Cunha. Ajuda-nos a refletir como se formaram os discursos equivocados sobre a guerra, o sertanejo e os senhores de terra. Os sertões, obra-monumento, instaura o processo de desvelamento do palco dos acontecimentos em Canudos, destecendo os fios condutores das formações discursivas.

Observa-se que Euclides da Cunha tem uma visão múltipla do Nordeste, ou seja, esse espaço geográfico não é um meio homogêneo e compacto, trata-se da união de raças, interesses e costumes com a terra e com as formas geográficas e climatológicas, formando um

Almeida, v. s.; Rizza, a. m. v. f.; Macedo, f. m. c.; Brandão, a.

sertão com diversas raízes. O enfoque jornalístico abordou esse pluralismo por meio de cargas de transcrição histórica, análise geográfica, ambiental, sociológica, com um preciosismo vocabular, recurso semântico envolvente e uma robusta análise científica.

A obra é dividida em três partes, conforme Barbosa (2009, p. 1), que se compõe, em correlacionada e harmoniosa sequência:

Três partes justapostas que se complementam e, assim, compõem uma unidade. As duas primeiras partes são descrições introdutórias, explicativas, preparatórias; a terceira, o relato da guerra. A parte do relato das ações somente se inicia depois que o narrador explicou como é o lugar e como é o homem do lugar onde um tremendo drama vai acontecer.

A primeira, “A Terra”, é a seção em que o autor promove um pormenorizado comentário científico, desta feita contextualizando não o cenário da ação, e sim onde floresceu e vive o sertanejo, como se ele fosse também um personagem. Para Corrêa (2009) essa parte pode ser vista como um jornalismo ambiental. Mesmo em meio a uma guerra e em um local árido, segundo Corrêa (2009, p. 1), Euclides ensina que o “jornalismo ambiental não é, como parece, aquilo que se publica uma vez por semana sobre o estado do planeta, geralmente como um cantinho do meio ambiente na seção de ciência.” Em Cunha (1884, p. 12), contata-se uma vasta descrição geográfica, inclusive com a presença de ilustrações, as quais contribuem para o entendimento do espaço físico do Nordeste:

Do alto da serra de Monte Santo atentando-se para a região, estendida em torno num raio de quinze léguas, nota-se, como num mapa em relevo, a sua conformação orográfica. E vê-se que as cordas de serras, ao invés de se alongarem para o nascente, medianas aos traçados do Vaza-Barris e Itapicuru, formando-lhes o *divortium aquarum*, progridem para o norte.

A questão climatológica também abarcou a primeira parte. Euclides entende que informar ao público sobre o clima árido do Nordeste, desconhecido por muitos brasileiros, enraizados no Sudeste e Sul, é oportuno para compreender não apenas a obra, como a gênese do sertanejo e as dificuldades naturais enfrentadas por ele. Salienta-se que o cenário é apontado como uma das causas geradoras do isolamento, mais no tempo do que no espaço, do sertão em relação ao litoral. Cunha (1984, p. 14):

A proximidade das massas montanhosas torna-o estável, lembrando um regímen marítimo em pleno continente: escala térmica oscilando em amplitudes insignificantes; firmamento onde a transparência dos ares é completa e a limpidez inalterável; e ventos reinantes, o SE no inverno e o NE no estio — alternando-se com rigorismo raro.

Na segunda, “O Homem”, ocorre o complemento da descrição do cenário e apresenta-se o protagonista da obra, não especificada em um ser, e sim nos vários sertanejos. Nesse período existe um estudo da concepção do jagunço e informes sobre os costumes e pensamentos dele. Cunha (1984, p. 63):

Quem vê a família sertaneja, ao cair da noite, ante o oratório tosco ou registro paupérrimo, à meia luz das candeias de azeite, orando pelas almas dos mortos queridos, ou procurando alentos à vida tormentosa, encanta-se.

No relato acerca de Antônio Conselheiro, Euclides faz uma espécie de biografia familiar, psicológica e social, a qual, em alguns momentos, alude a um jornalismo policial. Cunha (1984, p. 68):

Araújo da Costa e um seu parente, Silvestre Rodrigues Veras, não viam, porém, com bons olhos, a família pobre que lhes balanceava a influência, sem a justificativa de vastos latifúndios e boiadas grandes. Criadores opulentos, senhores de barão e cutelo, vezados a fazer justiça por si mesmos, concertaram em dar exemplar castigo aos delinquentes. E como estes eram bravos até à temeridade, chamaram a postos a guarda pretoriana dos capangas. Assim apercebidos abalaram na expedição criminosa para Quixeramobim. Mas volveram logo depois, contra a expectativa geral, em derrota. Os Maciéis, reunida toda a parentela, rapazes desempenados e temeros, haviam-se afrontado com a malta assalariada, repelindo-a vigorosamente, suplantando-a, espavorindo-a. O fato passou em 1333.

A terceira “A Luta” é dividida em seis subtítulos (divisão que deixa fluida a contação da história). Nesse momento há, além da completação do elenco esboçado na segunda parte, closes particularizantes das quatro expedições promovidas pelo Exército.

No relato das expedições, observa-se um olhar jornalístico cujo grande interesse é retratar e informar a realidade, assim, nomes de alguns combatentes, táticas de guerra, ações durante o combate, datas, números de envolvidos e de mortos são elencados. Como se observa em:

Compôs-se a princípio de 100 praças e 8 oficiais de linha, e 100 praças e 3 oficiais da força estadual. Assim constituída, seguiu, a 25 de novembro, para Queimadas, sob o comando de um major do 9.º Batalhão de Infantaria, Febrônio de Brito. Simultaneamente o comandante do Distrito apelava para o governo federal requisitando, para a aparelhar melhor, 4 metralhadoras Nordenfeldt, 2 canhões

Almeida, v. s.; Rizza, a. m. v. f.; Macedo, f. m. c.; Brandão, a.

Krupp, de campanha, e mais 250 soldados: 100 do 26.º Batalhão, de Aracaju, e 150 do 33.º, de Alagoas. (CUNHA, 1984, p. 105).

Na terceira expedição, conforme Cunha (1984), 1.500 homens, em fevereiro de 1897, comandados pelo coronel Moreira César, armados com canhões Krupp (importados da Alemanha) partiram para o combate. As tropas do governo ficaram hospedadas no Morro da Favela em frente ao arraial, já os jagunços, protegidos pela irregularidade do relevo, preferiram e buscaram o combate corpo a corpo. A tática dos jagunços foi vitoriosa, logo, as tropas ficaram desorganizadas e promoveram uma retirada desastrosa. Os canhões Krupp, muitas revólveres e munições foram deixadas, até o corpo do coronel Moreira César foi abandonado.

Na quarta expedição, de acordo com Cunha (1984), 5.000 homens, comandados pelos generais Artur Oscar, João da Silva Barbosa e Cláudio Savaget, foram a combate. As tropas foram divididas em duas colunas, que, por sua vez, subdividiam em pequenos batalhões, que, após um ataque maciço, conseguiram tomar boa parte do arraial. O golpe final aconteceu em outubro quando, comandados pelo Ministro da Guerra, Marechal Carlos Bittencourt, 8.000 homens invadiram e dominaram Canudos. Barbosa (2009, p. 1) salienta que o realismo da obra

[...] não se detém nem recua diante das situações mais tenebrosas, tétricas, horripilantes. Basta lembrar as trincheiras feitas de cadáveres superpostos, detrás das quais os jagunços se mantinham miméticos, morbidamente heroicos a resistirem ao prolongado e implacável cerco, ao constante canhoneio, à fuzilaria inclemente, à fome por falta de mantimentos, à sede causada advinda da impossibilidade de alcançarem cacimbas e fontes de água.

Para o governo, vencer os “desordeiros” era imprescindível, contudo o que aparentemente seria fácil se tornou algo penoso e dispendioso, assim, diante da valentia e da forte resistência dos sertanejos, o governo passou a considerar a vitória uma questão de honra, principalmente após o fracasso das três primeiras expedições. O intento vitorioso ocorreu na quarta expedição e trouxe muitas perdas materiais, várias mortes. Segundo Navarro (2011) de 25.000 a 35.000 rebeldes morreram nos combates, entre os soldados as baixas chegaram a 5.000. Cunha (1984) relata que o governo venceu mesmo com inúmeros erros de estratégia cometidos pelos comandantes do Exército e com uma perda gigantesca de matérias de guerra.

O CARÁTER INFORMATIVO PRESENTE NA OBRA “OS SERTÕES”

Euclides da Cunha não presenciou o final do conflito, no entanto, demonstrou o tamanho da perda humana e material: “Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.” (CUNHA, 1984, p. 264).

O fechamento do livro é extremamente comovente e sugestivo porque o próprio autor demonstra uma enorme sensibilidade em relação ao acontecimento, assim, de uma forma tenaz, ele configura um testemunho (ou talvez uma notícia) comovente. Cunha (1984, p. 264):

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo [...] caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dous homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Vê-se que em “Os Sertões” a linguagem formal, que é acessível ao público, contradizendo, por exemplo, o rebuscamento do Parnasianismo. A expressão é carregada de significados, mas, sem o comprometimento poético do Simbolismo, mesmo com alto grau de artisticidade. Há o predomínio da ordem direta com parágrafos e períodos curtos (estrutura textual frequente no texto informativo). Para efeito ilustrativo, dispõe-se de um parágrafo pequeno (na obra original ele tem três linhas), com períodos curtos e uma comunicação culta e compreensível.

A constância de tal clima faz que se não percebam as estações que, entretanto, como em um índice abreviado, se delineiam nas horas sucessivas de um só dia, sem que a temperatura quotidiana tenha durante todo o ano uma oscilação maior que 1° ou 1°,5. Assim a vida se equilibra numa constância imperturbável. (CUNHA, 1984, p. 35).

O jornalismo precisa pautar pela contextualização dos fatos sob o viés de deixar a informação o mais completa possível, contribuindo, dessa maneira, para que o público tenha uma maior formação. Dito isso, a obra euclidiana representa a ideia do detalhamento das questões, como se vê com a vegetação “Veem-se numerosos aglomerados em capões ou salpintando, isolados, as macegas, arbúsculos de pouco mais de metro de alto, de largas folhas espessas e luzidias, exuberando floração ridente em meio da desolação geral. São os cajueiros anões, os típicos *anacardia humilis* das chapadas áridas”. (CUNHA, 1984, p. 20). Com observado com o clima: “No ascender do verão acentua-se o desequilíbrio. Crescem a um tempo as máximas e as mínimas, até que no fastígio das secas transcorram as horas num

Almeida, v. s.; Rizza, a. m. v. f.; Macedo, f. m. c.; Brandão, a.

intermitir inaturável de dias queimados e noites enregeladas.” (CUNHA, 1984, p. 14). Com a caracterização do jagunço “[...] é menos teatralmente heroico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.” (CUNHA, 1984, p. 54). É importante frisar que, devido ao cosmopolitismo existente da elite carioca e paulista e o forte apego aos bens da Europa, tais informações inerentes ao Nordeste contribuem para o conhecimento de um outro Brasil, o rural. A literatura assume papel instrutivo ao representar simbolicamente temas, caracteres e espaços geográficos brasileiros típicos (ATHAYDE, 1939) e isso é ratificado em “Os Sertões”.

O rigor informativo também se faz presente na transmissão dos dados bélicos, o que pode soar como superficial, tem relevância em uma cobertura de guerra: “Ali acantonaram as 543 praças, 14 oficiais combatentes e 3 médicos [...] três cascos de batalhões, o 9.º, o 26.º e o 33.º, tendo, adidas, duzentas e tantas praças de polícia e pequena divisão de artilharia, dois canhões Krupp 7 ½ e duas metralhadoras Nordenfeldt.” (CUNHA, 1984, p. 113).

Outra característica do Pré-Modernismo é o alavancamento dos grupos humanos marginalizados, o que é perceptível na obra euclidiana por meio do sertanejo (aquele indivíduo longe dos padrões sociais e estéticos da oligarquia), o qual tem uma parte da obra destinada a sua gênese. Para Cunha (1984, p. 51) “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”. No livro, a ideia transmitida acerca do sertanejo é de um ser valente, destemido e um exemplo de combatente.

Foi por meio da cobertura de Euclides da Cunha que muitos brasileiros tiveram a oportunidade de conhecer a realidade das condições de vida dos sertanejos, da gênese desse povo, das condições climáticas e de vegetação da dada região e o saque à Canudos promovido pelo governo. Conforme Baroni (2011, p. 8), no discurso euclidiano há um “desconstrutor, pois inverte os elementos” argumentativos impostos unilateralmente pelo governo. Enfim, Euclides desvendou um Brasil que a elite do Sudeste, mas com requerente do julgo da Europa, não conhecia ou fingia não conhecer.

Encerra-se mais uma seção. Eis que se caminha para os comentários finais.

05- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de abarcar a conclusão, torna-se fundamental resgatar o objetivo profícuo desse estudo, que é analisar “Os Sertões” perante um viés informativo. Feito tal resgate, observa-se que a obra “Os Sertões”, mesmo com inúmeros estudos e discussões, representa o quanto o

enquadramento de gênero é multifacetado e subjetivo. Tal obra não tem um único “tipo sanguíneo”, e sim inúmeras vias de classificação, caso tenha que ser classificada.

A intenção não é romper com as categorias de classificação de gênero, muito menos impor um enquadramento a produção de Euclides da Cunha (sim, ela é múltipla e eclética). Porém, assevera-se que “Os Sertões” carrega uma bagagem informativa, mas, não sendo puramente informativa, estampando também, em boa parte, a arte.

Sobre os traços informativos palpáveis em “Os Sertões”, ressaltando a realidade brasileira como fundo, mais precisamente o bioma nordestino e o mundo das relações humanas, com ênfase para o sertanejo abandonado pelo sistema. Os personagens cotidianos são múltiplos: a Terra (natureza), o Homem (formação das raças) e a Luta, sendo que o protagonismo varia de acordo com a parte do livro. Há uma pluralidade da ação, um intercâmbio com a realidade e com a informação.

Euclides da Cunha provou que elegância, belas-artes e envolventes períodos não perdem o valor literário quando unidos com aspectos informativos e vice-versa, ao contrário, tal combinação valoriza ainda mais o produto final no bojo redacional, estilístico e semântico.

Euclides, na maioria das vezes, parte dos fatos, mas, não fica preso a eles, o escritor acrescenta-se pormenores que agregam conteúdo a narrativa, o que valoriza ainda mais o aparato informativo.

No campo do conteúdo, do estilo, da visão de mundo e da influência, vê-se o predomínio de uma consciência crítica, um regionalismo vigoroso e denunciador da realidade brasileira marginalizada (de um Brasil distante da oligarquia do Sudeste), uma manifestação artística espelhando a história e um jornalismo a fim de informar ao público aspectos até então encobertos por um discurso de beatificação dos próprios atos.

O testemunho de Euclides da Cunha desnuda um ocorrido (no tempo presente para a época) no qual o governo deturpava. Talvez, se não fosse o jornalismo euclidiano, a verdade empenhada seria a do vencedor. Para isso, ele empenha a apuração jornalística, o compromisso com o real, o esmero redacional, a linguagem formal, a escrita compreensível, o rigor científico, a contextualização do fato, a ordem direta, os parágrafos e períodos curtos.

Por fim, “Os Sertões” possui muito a ser desvendado e compreendido, pois a cada leitura aprende-se algo novo e surpreendente. Enfim, o livro é um infinito poço de cultura

Almeida, v. s.; Rizza, a. m. v. f.; Macedo, f. m. c.; Brandão, a.

com múltiplas possibilidades, assuntos e ramos de estudo, sendo o meio informativo é um deles.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Tristão de. **Contribuição à história do modernismo: o pré-modernismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

AVIGHI, Carlos Marcos. **Euclides da Cunha jornalista**. 1987. 502 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987

BARBOSA, Alaor. Um livro impactual. Jornalismo cultural - **Bula Revista**. 2009. Disponível em: <https://acervo.revistabula.com/posts/livros/um-livro-impactual-> Acesso em 18 nov. 2020.

BARONI, Alice. A Guerra de Canudos e a construção discursiva euclidiana. **Revista Rumores**, São Paulo, v.1, jan./jun. 2011.

BOSI, Alfredo. **O Pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CANCIAN, Renato. Guerra de Canudos: A República se impõe ao sertão a ferro e fogo. História do Brasil. **UOL Educação**, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/guerra-de-canudos-a-republica-se-impoe-ao-sertao-a-ferro-e-fogo.htm> Acesso em: 11 jun. 2021.

CORRÊA, Marcos Sá. Euclides da Cunha, o jornalista ambiental. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/geral,euclides-da-cunha-o-jornalista-ambiental,409938> Acesso em: 20 ago. 2021.

COUTINHO, Afrânio. Os sertões, obra de ficção. *In*: _____. **Conceito de literatura brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 81-6.

COUTINHO, Afrânio. Gênero de ficção. *In*: COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 49-72.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora**. São Paulo: Ática, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOHLFELDT, Antonio. O repórter Euclides da Cunha em Canudos. *In*: BETTIOL, Maria Regina Barcelos (org.); HOHLFELDT, Antonio. (org.). **Euclides da Cunha, intérprete do Brasil: O diário de um povo esquecido**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2011.

NAVARRO, Roberto. O que foi a Guerra de Canudos? Conflito no sertão baiano ocorreu em 1896 e 1897 e terminou com a destruição do povoado. **Revista Super Interessante**. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-guerra-de-canudos/> Acesso em: 11 abr. 2021.

Cadernos da Fucamp, v.21, n.53, p.177-197 /2022

O CARÁTER INFORMATIVO PRESENTE NA OBRA “OS SERTÕES”

OLIVEIRA, Éris Antônio. Jornalismo e criação ficcional em Euclides da Cunha. **Guará Linguagem e Literatura**, Goiânia, v. 3, p. 90-98, jan./dez. 2013.

OLIVEIRA, Franklin de. **Euclides**: a espada e a letra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PINTO, Tales dos Santos. A sociedade durante a República Velha. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/sociedade.htm> Acesso em: 12 abr. 2022.

SARMATZ, Leandro. **A república em perigo**: Uma análise do capítulo “A quarta expedição”, d’Os sertões, e seu contexto político. Porto Alegre, PUCRS: Mimeo, 1995.

SILVA, Daniel Neves. Primeira República. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/primeira-republica.htm> Acesso: 12 abr. 2022.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha: no vale da morte. **Cult**, São Paulo, n. 37, p. 11-15, ago. 2000.